

Índios Pitaguary festejam Santo Antônio

Ritual e celebração ecumênica lembram os mártires da luta pela demarcação das terras

Os festejos de Santo Antônio de Pitaguary foram iniciados, ontem, com uma celebração ecumênica embaixo de uma mangueira centenária, utilizada pelos colonizadores como tronco para açoitar os índios que não aceitavam as ordens do homem branco.

Na ocasião os índios relembrou as atrocidades feitas na colonização, aos seus antepassados distantes, e os bem mais recentes, como o do índio Galdino Patachó, assassinado em Brasília, lembrado pelo empenho na luta pela demarcação das terras, e o índio Chicão do Xukuru Cariri, que foi morto num conflito de terras, no início deste mês, num embate com fazendeiros, Pesqueira, Pernambuco.

Os índios agradeceram ao deus Tupã pela sua sobrevivência, bem como a ajuda de entidades e da Igreja pelo apoio na luta pelos seus direitos.

Várias lideranças indígenas, representantes da Pastoral Indigenista, de comunidades e religiosos da Alemanha, França e Peru, estiveram presentes.

RITUAL - Embaixo da mangueira, 18 índios, homens e mulheres, na maioria sexagenários, vestidos apropriadamente com colares e cocares, alguns vestiam camisetas de marcas publicitárias, deram-se as mãos e entoaram uma oração à mangueira, ressaltando-a como símbolo das lutas.

Foram invocados aos espíritos pedidos de libertação da opressão, da fome e miséria, e forças para levar adiante a cultura dos seus povos, bem como uma justa demarcação da terra, que lhe é de direito.

Após a oração, os índios, organizados em círculo, dançaram o toré. Em seguida foi distribuída entre eles, pelo cacique Daniel, uma bebida - representando uma espécie de comunhão aos antepassados.

Depois do ritual indígena o padre Chico Mozer, do Conjunto Palmeiras, realizou uma oração ecumênica mostrando-se solidário à luta dos índios pela sobrevivência de sua cultura. "Vir aqui, não significa apenas um passeio pela região mas, uma volta ao passado de lágrimas do povo Pitaguary que lutam pelo reconhecimento de seus direitos", diz o religioso.

Segundo Carlos Alencar Rates, da Pastoral Indigenista da Arquidiocese de Fortaleza, a ritualidade é um resgate de identidade dos índios que vem todos os anos prestar reverência aos seus antepassados. "Eles vêm lembrar as atrocidades sofridas, a fome e a sede e lutar pela terra que é fundamental para as continuação da história deles", diz.

Segundo Carlos, a prefeitura de Maracanau, sensibilizada com a questão indígena, abre diálogo com os índios e assinou documentos importantes para a demarcação de terras.

FESTA RELIGIOSA - Para os festejos religio-



Luciano Arruda

Após as celebrações os índios dançaram o Toré para reverenciar o santo padroeiro e os mártires da luta indígena

sos de Santo Antônio Pitaguary, iniciada ontem com a romaria dos índios, as preces ao santo casamenteiro serão iniciadas hoje às seis horas da manhã, com uma missa realizada na capela, prosseguindo durante todo o dia de vigília religiosa.

Nas ruas do lugar, as barracas garantem a animação, onde certamente muitas simpatias ganharão espaço no imaginário dos solitários.

Preces, simpatias, imagens de santos e rituais incorporados numa única festa, nos dá mostras da diversidade cultural que possui a região Nordeste.

No entanto, a Festa de Santo Antônio e o ritual dos índios, é uma coincidência, do ponto de vista do sincretismo religioso, pois os índios fazem uma reversão dos valores religiosos a partir de símbolos da natureza.

Árvore é um marco histórico

Sob a frondosa árvore, uma mangueira com cerca de 300 anos, foram acorrentados, espancados e enterrados os antepassados dos índios Pitaguary. A mangueira, segundo o pajé da tribo, José Felismino, emana uma grande força espiritual para luta e preservação dos costumes e identidade, nesses quinhentos anos de massacre e desmantelamento cultural e histórico desses povos no Nordeste. Os índios, a consideram como o símbolo vivo da natureza, que assiste toda a sua história de resistência.

Hoje as terras em que ela se encontra, pertence ao Estado sob a responsabilidade da Epape e da Secretaria da Ciência e Tecnologia.

CATIVEIROS - Além da mangueira, existia outro local de tortura, um cubículo em que eram postos os índios escravizados, que se localizava próximo à casa grande, hoje em ruínas. Vizinho à mangueira, foi construído um tanque para que os escravos lavassem as suas feridas.

Esses fragmentos, de uma história sangrenta, foram contados pelo Pajé José Felismino. Oriundo de uma família de rezadores, sua mãe era parteira e curandeira, diz que aprendeu sozinho, com a ajuda de Tupã, a arte de curar repassando hoje, aos seus filhos e netos. De acordo com ele,

seus avós foram amarrados junto a mangueira, torturados e mortos de fome e de sede.

"Nós vivia do roçado, do pescado e de raiz da macunã, onde nós fazia o beiju prá comer, e um mingau pros pequenos. Me lembro da goma bem encarnadilha, lavada em nove água que a minha mãe me dava pra comer. As raiz nós tirava da terra, nós era dono daqui" recorda o pajé. "Meu avô contou que ele estavam brocando quando chegou Miguel Barão, com um rifle, à cavalo num burro e perguntou: De quem é essa terra? E aí eles disseram: essa terra é nossa. O fazendeiro disse: desde hoje vocês diz que a terra é minha, ou diz ou morre. E aí, nós pra num morrer fomo saindo e ficamos desbandados, debaixo de ponte e de pau", continua o líder.

Atualmente os Pitaguary ocupam uma área de 150 hectares de terra, e sobrevivem basicamente da venda de artesanato, colares, bolsas e porções curativas, como lambedores feito à base de raízes, garrafadas para dores e outras enfermidades. Inclusive, segundo o Pajé já houve propostas de donos de farmácias para a comercialização de seus produtos mas, ele não aceitou. Ele afirma que na sua tribo não há consumo de remédios allopáticos, os industrializados.

Luciano Arruda



Sob a "árvore dos mártires" os antepassados dos Pitaguary foram acorrentados, espancados e enterrados pelo branco